

Editorial

Abordagens contemporâneas das representações sociais em saúde

Assumimos o desafio de editar este número temático da Revista *Tempus Actas em Saúde Coletiva* tendo como eixo condutor um diálogo da Teoria das Representações Sociais com a análise dos fenômenos de saúde, na vocação de uma iniciativa que é, concomitantemente, interinstitucional e multidisciplinar. De filiações institucionais que nos situam em diferentes áreas programáticas da Universidade de Brasília e da Universidade Federal de Pernambuco, e com práticas profissionais desenvolvidas em diferentes campos disciplinares, as editoras deste número convergiram no reconhecimento da relevância metodológica e na expressiva contribuição científica que a Teoria das Representações Sociais vem brindando, no Brasil e alhures, como ferramenta de análise e compreensão da realidade social e das possibilidades de transformação das práticas. Com uma produção científica que se manifesta no ensino, na pesquisa, nos eventos científicos e nos periódicos especializados, a capilaridade desta teoria na abordagem de diversos cenários do campo da saúde é, na atualidade, um fenômeno crescente na comunidade acadêmica.

A concepção de representações foi desenvolvida inicialmente por Durkheim como construções sociais coletivas que se referem ao pensamento de uma sociedade, caracterizando-se pela homogeneidade, universalidade, perenidade e resistência a mudanças. Para o sociólogo, diferem das representações individuais, que dizem respeito

às experiências individuais, à consciência de cada pessoa, sendo, portanto, mais variáveis e incomunicáveis.

Moscovici retoma o conceito de representações de Durkheim, fazendo uma releitura do mesmo, trazendo a ideia do sujeito ativo, construtor de sua realidade social. Para o psicólogo social, indivíduo e sociedade são inseparáveis e devem ser entendidos como uma realidade dinâmica que se reconstrói e se reinventa constantemente. Introduz assim, um novo paradigma para se pensar as representações, que nomeia Representações Sociais, e encontra novos rumos para o dilema indivíduo versus sociedade. Elabora uma teoria que possibilita o acesso a várias dimensões dos fenômenos sociais, tanto simbólicas quanto práticas, e enfatiza o papel das comunicações na construção das representações sociais. A Teoria das Representações Sociais é apresentada por Moscovici em sua tese de doutorado, que foi posteriormente publicada com o título *La psychanalyse son image et son publique*. Serge Moscovici dá luz pública ao seu livro em 1961 e, inaugura uma obra intelectual que floresceu não apenas na França e em outros países europeus, mas ganhou extraordinária força no desenvolvimento do pensamento científico social da América Latina e, particularmente, no Brasil, onde se gerou uma frutífera rede de pesquisadores na área. A partir da Psicologia Social, seu lócus originário, o estudo das representações sociais abre fronteiras disciplinares em outras esferas do conhecimento como educação, saúde, comunicação, direito, arte para mencionar algumas.

Este ano o mundo comemora 51 anos da criação e expansão da Teoria das Representações Sociais e a edição que apresentamos da Revista *Tempus* é um empreendimento que busca contribuir a divulgar exemplos da produção científica contemporânea das representações sociais a partir de tópicos relacionados ao campo da saúde.

Nessa perspectiva o número que hoje lançamos ilustra uma produção científica que expressa a diversidade de objetos e possibilidade de olhares que a aplicação da Teoria das Representações Sociais suscita ao tomar o campo da saúde como espaço de reflexão. Nessa vertente se observam relevantes contribuições dos estudos para pensar e definir o campo semântico da saúde, amplo e polissêmico, na construção social que se faz do mesmo. Associado cada vez mais a concepções abrangentes e ao bem-estar, o conceito de saúde denota uma multiplicidade de compreensões e definições e constitui um marcador do desenvolvimento social das nações. Os artigos que os leitores poderão conhecer tem como eixo comum uma visão ampla da saúde, entendida como uma dimensão, ao mesmo tempo, biológica, social e política. As contribuições recebidas nos mostram experiências de análises das representações sociais em saúde em contextos culturais diferenciados e trazem conhecimentos relativos a países como Brasil, Argentina, Portugal, Itália e França.

Os trabalhos apresentados na revista estão organizados em seis grandes blocos temáticos, sendo alguns deles de natureza mais teórica e outros com predominância da análise de diversos cenários sociais. Optamos por abrir o número com um artigo que sintetiza os alcances da teoria das representações sociais no âmbito

da saúde, particularmente da saúde coletiva, trazendo o desafio heurístico da Teoria das Representações Sociais para compreender os processos de transformação social, política e organizacional da saúde. Com relação à saúde coletiva, consideramos que esta categoria merece destaque dada a especificidade com que se entende este conceito na tradição da saúde pública no Brasil. Cunhado na égide do movimento da Reforma Sanitária que foi desenvolvido no Brasil na década de 80, em plena luta pela construção da democracia, este conceito sintetiza uma dimensão política e programática, além de um campo intelectual e de mobilização social que teve como principal referência a universalização da saúde no Brasil e a criação de um modelo fundamentado na perspectiva do direito, com vistas a oferecer à população atenção integral baseada nos princípios de equidade e participação social.

O bloco a seguir está constituído por artigos que analisam representações sociais produzidas ao redor das diversas doenças e agravos à saúde que acometem a humanidade na contemporaneidade. Doenças emergentes como a Aids, beneficiadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico, particularmente, pelo conhecimento dos mecanismos de replicação da infecção pelo HIV no organismo e o desenho de estratégias de acesso ao tratamento para um número crescente de pessoas abre perspectivas para a prolongação da vida com maior qualidade. Outras doenças crônicas como o Diabetes e o Câncer, para mencionar duas das mais relevantes, têm exposto as pessoas a vivenciarem sentimentos ambivalentes, tais como satisfação angústias e sofrimentos cotidianos, que geram novas representações e exigem que se repensem as práticas de

cuidados, em uma visão mais abrangente que leve em consideração aspectos psicossociais e a dimensão subjetiva da construção da doença.

Outra seção está integrada por artigos que versam sobre as representações sociais de alguns fenômenos atinentes ao processo saúde-doença secularmente constituídos como a Sífilis, a Doença Mental, a Hanseníase, o Alcoolismo, entre outras, geradoras de representações sociais bastante cristalizadas, originadoras de estigmas que persistem nas estruturas sociais.

Abordam-se, ainda, as representações sociais de questões como a violência doméstica e a problemática do gênero, que continuam requerendo aprofundamentos. E, também, assuntos mais novos relacionados a temas como exposição ao Urânio e narrativas sobre Células Tronco. O último artigo se relaciona com as concepções produzidas em torno do SUS que vêm ampliando substancialmente o acesso da população ao sistema de saúde, mas continua requerendo aprimoramentos, sobretudo em termos da qualidade da atenção.

Finalmente, acreditamos que, a Revista Tempus, ao lançar este número, cumpre com seu papel de divulgar produção científica de excelência em uma das áreas mais robustas em que a Teoria das Representações Sociais se manifesta, fazendo jus ao que Denise Jodelet designa como “fecundidade múltipla” ao se referir ao legado de Moscovici para pensar o mundo social.

As editoras

Ximena Pamela Bermúdez e Helena Shimizu - Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília

Ângela Almeida - Centro Internacional de Pesquisa em Representações e Psicologia Social “Serge Moscovici”

Ana Lucia Galinkin - Instituto de Psicologia Universidade de Brasília

Maria de Fátima de Souza Santos - Universidade Federal de Pernambuco